1974

ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE
PORTUGAL-TIMOR LESTE (AAPTL)
R. Pinheiro Chagas, 77-2.º Esq.º
1000 Lisboa - Portugal
Telef. 57 47 18
TL 2757

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CLIMA DE TIMOR

Falar do clima de Timor é não esquecer a latitude intertropical, a posição insular, a presença do continente australiano. Estes factores externos configuram em "ambiente" onde as especialidades fisiográficas actuam com raro poder e periodização.

O jogo da latitude (8/9°S) impõe Timor como pântano barométrico. Lisboa pode passar em poucos dias dos anticiclónicos 1025 milibares para os depressionários 1005. Aqui, nessa escala o movimento é reduzido 3 a 4 milibares. O que se projectar abaixo dos 1002 é já depressão tropical que pode evoluir para ciclone. A posição "mais zenital" do Sol na zona intertropical provoca especial insolação da superfície e quase permanentes condições para a formação de núvens de desenvolvimento vertical durante o semestre chuvoso.

A presença do continente australiano sinaliza a proximidade das latitudes médias continentais, portanto de um meio profundamente modificador das características das massas de ar marítimo que o atravessam. A estação seca de Timor (entre Maio a Novembro na costa norte e entre Julho/Agosto e Novembro na costa sul) deve-lhe muito. A permanência de um anticiclone de origem térmica centrado a meio do território assegura uma alimentação em ar seco e estável que, em certas condições, impõe uma seca intolerável agredindo a vegetação, asfixiando os cursos de água e as tarefas orizícolas das várzeas, retardando homens e animais à inanição. Nessa altura, a riqueza deste escuro verde de todos os momentos entre mar e montanha desemboca numa mancha inóspita e cansada de castanho uniforme.

Em contrapartida, a época das chuvas é particularmente intensa e conhece contrastes que o lisboeta inveterado dificilmente perceberá. E, nós aqui, só poderemos observá-los se, acima dos referidos factores externos, atendermos à estrutura fisiográfica da ilha: idade recentíssima, recortado intenso, omnipresença da montanha. Por pouco não havia espaço para faixa costeira. Tanto é assim que a 1° serpenteados quilómetros de Dili são já 700 metros de altitude; outros tantos e alcançamos os 1000 e por aí adiante. A quem siga de Dili para Ermera, por exemplo, a coisa é mais nítida pois a subida faz-se numa incursão que não esquece o mar e suas ilhas, lá longe, igualmente personalizadas por enrugamentos jovens da crusta. Mas, se o esquecimento do mar nos é vedado, a visão distante do Tata Mai Lau (avô mais velho, do tétum) entra-nos pelo mais singular da força expressiva da natureza. Aquele ângulo de pedra a 3000 metros de altitude vai seguir-nos durante uns tempos, até à descida para a ribeira Glen e reaparece depois episòdicamente em curtos ângulos roubados à densa cortina rendilhada de "madre del cacau" que climatizam o cafèzeiro em toda a zona.

Não vamos desviar-nos por uma descrição da ilha. Importa, no entanto, que se tenha a sensação do elemento montanha. A cordilheira do Ramelau que conhece o seu vértice cimeiro no Tata Mai Lau empertiga-se em distribuir valores ainda superiores a 2000 metros em vários pontos. Mais longe, em progressão para leste, desemboca em plataformas planálticas, aqui e ali ainda pontilhadas por elevações muito marcadas - O Mundo Perdido 1769 e o Mate Bian a 2373.

AS CHUVAS

A memória dos 700 mm de precipitação média anual em Lisboa é dràsticamente atacada pelos vários dois mil quinhentos tal (zona cafeeira de Ermera, proximidades de Lacluta e Soibada e pelos quase 3000 mm em Lolotoi, Ainaro e Same. Os dois mil tal são vulgaríssimos e envolvem o oeste montanhoso e seus prolongamentos para leste. Dois terços do território conhecem precipitações superiores a 1500 mm. A costa sul recolhe 1000 a 15 e a costa norte consegue valores médios inferiores a 1000 mm c Laivai e Manatuto a comandarem a campanha dos mínimos com escassos 500 e qualquer coisa.

Os 40 km planificados de Manatuto a Soibada reflecte uma relação abismal: 4 vezes e meia; os 10 km que ligam, na costa, Dili a Remexio vão saldar-se por uma diferença de 1267 mm. E muitos outros exemplos poderiam chamar-se. Exemplos que afinal comprovam aquilo que só aparentemente é paradoxal: uma especial acumulação de condições orográficas que amplificam a dinâmica dos sistemas nebulosos formado na zona.

Quanto à distribuição, a zona montanhosa central e seus prolongamentos para leste iniciam a estação das chuvas em Nove

bro, sendo Outubro de transição; o final é para Abril com transição em Maio. Lete-Foho apresenta 508 mm em Dezembro o máximo de 552 em Janeiro e 152 em Abril. A costa sul - a que dá para o agitado mar de Timor (tassi mane, mar homem no tétum) e a ponta leste vão apagar os esquemas de homogeneidade com a apresentação de dois máximos, tendo o absoluto residência em Maio quando a costa norte conhece as vantagens, ou/e desvantagens, da estação seca e a zona central estagia para ela. Betano pode ser o nosso exemplo. Colhe Dezembro com 145 mm e segue para um máximo secundário de 173, em Janeiro, que cai para um mínimo, também secundário, em Fevereiro (128 mm); Março e Abril são de recuperação para o máximo absoluto de 335 mm em Maio; Junho ainda recebe 140 mm mas os 89 mm de Julho estão já a pensar na época seca que vai vigorar até Dezembro com definição de uma estreita faixa de passagem na 2ª quinzena de Novembro.

A costa norte vive o qual se afirmou para a zona montanhosa mas com grande atenuação. A infalível Dili do nosso exemplo estagia em Novembro para o máximo de 145 mm em Dezembro; daí para diante vai descendo lentamente, sempre com valores superiores a 100 mm, até Abril. Em Maio aproxima-se ràpidamente da estação seca.

Mas que ninguém pense que as coisas se processam com a fixidez que estes valores ilusòriamente parecem impôr. Em anos especiais, como o presente, podem assinalar-se desvios consideráveis que agridem uma natureza adaptadas aos valores médios. Atabai recolheu em Janeiro 1110 mm com 271 no dia 25. Nesse mesmo mês, Fatu-Bessi, Remexio e Quelicai observaram quase 700 mm: mais ou menos a precipitação mêdia anual em Lisboa. A própria ilha de Ataúro (20 km a norte de Dili) ainda recebeu 454 e 166 de máxima diária. Enchurradas, ribeiras que saltam dos leitos, estradas cortadas, inumdações.

Os primeiros dias de Fevereiro atingem especialmente uma zona onde Dili recolheu 327 mm e 128 de máxima diária e Remexio atinge 1002 e 243; Manatuto com 675 mm e 286 de máxima diária apercebe-se de quantidades nunca conhecidas recebendo nesse mês mais 588 mm do que aquilo que os valores médios lhe

indicavam para receber e 119% do valor médio anual! Aliás, se incluirmos numa sequência o 31 de Janeiro e os 4 primeiros dias de Fevereiro obtemos 791,3 mm. Em 5 dias. Nesse mesmo período Remexio recolhe 859 mm.

Deve, no entanto, reter-se o fenómeno como produto de condições excepcionais: 1939 é o paralelo que normalmente se evoca como marco de um período de recorrência. Uma corrente do regime da monção de noroeste apareceu, este ano, bastante perturbada e intensa neste troço extremo da sua actuação. Associada a zonas de convergência e a um vasto campo depressionário favoreceu a formação de núvens de grande desenvolvimento vertical. A precipitação envolvia quantidades verdadeiramente torrenciais. Esta explicação deve, aliás, entender-se como muito precária pois o Serviço Meteorológico não possui centro de análise e previsão nem detinha, nessa altura, qualquer indicação que pudesse fazer luz sobre o que se estava a passar.

A TEMPERATURA

Como era de prever, distribui-se com originalidade por toda a ilha. Por exemplo, quem no Abril deste artigo desejar abandonar os saturantes 27,4°C na temperatura média de Dili encontra ràpidamente nos 492 m de altitude em Dare 3°C a menos. E se quizer aprofundar um pouco mais a necessidade da fuga, gasta uma hora e meia e poisa nos 21,6°C de Aileu a 869 m. E se estiver mais em causa a aventura da montanha, Hatu-Builico, no sopé do Tata Mai Lau, oferece uma média de 14,8.

De uma maneira geral, Agosto é o mês mais frio. Dili: média das máximas 30,1°C e das mínimas 20,1; Maubisse (1432 m) 20,3 e 11,9 respectivamente; Soibada (873 m) 23,5 e 17,8.

O mês mais quente sintoniza-se em Novembro, Dezembro ou Janeiro. Dili com uma média de 27,7°C, média das máximas de 31, e das mínimas 24,1 (compare-se com os valores atrás citados para Abril e conclua-se uma diminuição de 0,3°C na média mensal; 0,2 na média das máximas e 0,8 na das mínimas. Tutuala, na ponta leste, com 26,4; 29,7 e 23,0, respectivamente e Viqueque, na

costa sul, com 27,6; 32,8 e 22,5.

Pode rematar-se o que atrás, talvez maçadoramente, se enumerou concluindo por uma variação não uniforme da temperatura com a altitude apresentando-se a faixa costeira norte a temperaturas levemente mais elevades que as da sul e a zona montanhosa cumprindo as regras da acção da altitude mas complicando o jogo com especificidades provenientes do intenso recortado da crusta e da existência de algumas extensas plataformas planálticas. Nestas condições, os microclimas superabundam por essas encostas e vales conforme a altitude, orientação, vegetação, etc.

A estação seca é a mais fria, a das chuvas a mais quente. A costa sul beneficia de uma época seca mais "fria" que a costa norte devido ao condicionalismo proveniente da acção da monção de sueste que transporta uma massa de ar estável e relativamente seco na circulação do anticiclone frio que estagia nesse período sobre o continente australiano.

A HUMIDADE

Como era de esperar o meio atmosférico da zona apresenta um teor em vapor de água bastante elevado, especialmente na estação das chuvas em que estamos sob a acção de monção de noroeste.

As 20 horas de Alas (costa sul) são geralmente atravessadas com humidade relativa superior a 80%. Naturalmente os valores das 8h observam oscilações muito mais marcadas ao longo do ano: 83% em Junho e 64% em Novembro. As 14h, Baucau atinge em média 87% em Fevereiro e 55 em Setembro.

CICLONES TROPICAIS

Enquadrada de leste a sudoeste por zonas de geração de travessia de ciclones tropicais sòmente episòdicamente em condições atmosféricas excepcionais, a ilha poderá ser fr talmente atacada por perturbações deste tipo. Fica, no entan numa linha secundária da zona de acção dos tufões que atrave sam o mar de Timor, progredindo ora para varrerem a costa no este do continente australiano e por aí perder a sua tipolog tropical, ora para viverem a sua agonia no extremo sueste Oceano Indico. Nessa medida, a costa sul pode ser eventualme te tocada pelo bordo menos activo dos ciclones que seguem es via. Embora com grandes quedas pluviométricas, a violência d ventos aparece consideràvelmente atenuada.

C.Alves

/jr.